

Fotos: Arquivo pessoal



Maria Cecília com os filhos Simone e Rafael, e o marido Júlio Cezar: havia mais liberdade



Mais liberdade: Simone e Rafael viveram a infância entre as décadas de 1980 e 1990



Infância de Simone e Rafael tinha mais programas analógicos do que as crianças desfrutam hoje

Olhares distintos para o mundo

Diferenças geracionais refletem no universo experimentado por crianças que viveram a infância 30 anos atrás e por aquelas que crescem nos dias atuais. Cenários sociais, culturais e tecnológicos impactam na criação dos pequenos

» MILA FERREIRA
» BEATRIZ MASCARENHAS*

Fotos: Arquivo pessoal



Arthur desenvolve atividades lúdicas sempre sob a supervisão dos pais

Um mundo mais perigoso, uma agenda mais sobrecarregada, maior presença da tecnologia e das redes sociais na vida das crianças refletem diretamente nos estímulos e brincadeiras experienciadas por elas. É a análise da psicóloga cognitiva e comportamental Emily Verde, que cita ainda fatores sociais e culturais como determinantes na mudança de comportamento e mentalidade dos pais que educam os filhos nos dias de hoje em comparação aos que tiveram filhos nas décadas de 1980 e 1990.

Os desafios vividos pelos próprios pais interferem diretamente na criação dos filhos. “Muitas famílias que enfrentam agendas agitas, com pais trabalhando longas horas, precisam envolver as crianças em atividades extracurriculares e ainda assim manter o contato com seus filhos e o controle do ambiente onde estão inseridos”, analisa a psicóloga Emily Verde.

Florisvaldo Bispo, 30 anos, morador do Riacho Fundo I, tenta estimular as atividades do filho Arthur Maia, 8, sem privá-lo dos seus interesses. “Eu tenho receio de que ele brinque fora de casa sem supervisão. Até pela inocência que percebo no Arthur, de não enxergar maldade nas pessoas. Prefiro que ele se divirta em lugares fechados onde ninguém poderia fazer algo contra meu filho”, relata o pai.

Apesar disso, Florisvaldo mantém a liberdade do garoto de brincar em quadras de futebol, com os amigos — jogar bola tem sido a atividade que ele mais gosta. Além do estímulo às brincadeiras tradicionais, como pique-esconde. O pai ainda refletiu que há mudanças regionais quanto às brincadeiras de rua. “Eu cresci em Ceilândia, onde havia esse costume da criança estar no meio da rua. Mas, acredito que, por morarmos no Riacho Fundo I, esse hábito

não é tão frequente. Por isso, meu filho acaba passando mais tempo em casa do que fora”, conta.

A professora Maria Cecília Avari, 66, tem dois filhos que viveram a infância entre as décadas de 1980 e 1990 e observa uma grande diferença entre a forma como ela criava os rebentos, à época, e a maneira como ela vê o neto João, 7, ser educado nos dias de hoje. “Tenho dois filhos, a Simone de 39 e o Rafael de 41 anos. Na época, eu via as crianças interagindo

mais umas com as outras. Elas liam mais também. Meus filhos liam muitos livros, almanaques e gibis. Acredito também que a liberdade que eles tinham de brincarem de forma mais livre favorecia a criatividade, a empatia e o raciocínio lógico. Acredito que eles sabiam se virar melhor na vida por conta disso tudo”, declara.

Para a psicóloga Emily Verde, é essencial que os pais e educadores orientem e incentivem as crianças e adolescentes a equilibrarem o uso de tecnologia com atividades ao ar livre e interações sociais para um desenvolvimento mais abrangente. “Quando as crianças participam de atividades ao ar livre, interagem com seus pais, desenvolvem habilidades sociais, emocionais e físicas importantes. Essas experiências proporcionam oportunidades para aprender a negociar, resolver conflitos, cooperar e desenvolver habilidades motoras”, explica.

A especialista lembra ainda que o tempo excessivo gasto em dispositivos eletrônicos pode ser prejudicial. “Limitar a participação em atividades físicas e interações sociais face a face. Isso pode levar a problemas de saúde, como obesidade e isolamento social”, alerta.

Análise literária

O professor e arquiteto Marcelo Montiel, escritor do livro “Brasília Adolescente”, que conta histórias sobre a infância e adolescência dos brasilienses nos anos

1960/1980. Para ele, o retorno dessas vivências no período infantil é inviável. “O mundo mudou e está muito diferente. É controverso falar em recuperar essa forma de experienciar a juventude, não sabemos onde que essas mudanças vão dar”, pontua o professor.

Montiel acredita que os jovens têm a capacidade natural de concentrar demais suas energias em determinada atividade, e esquece de procurar diversidade em meio à rotina. “É preciso variar os modos de entretenimento. Manter somente um foco é como passar a vida escutando somente um tipo de música, no fim das contas, é fundamental experimentar conhecer outros gêneros”, sugere.

O arquiteto passou a maior parte de sua infância na Brasília dos anos 1960, e acompanhou o crescimento da capital. As experiências relatadas pelo escritor hoje fazem parte de um imaginário que já não é mais possível encontrar nem pelo Plano Piloto, nem pelas regiões administrativas, como construções de casinhas na árvore. “Havia também uma época do ano em que apareciam muitos bacuraus, e esses pássaros têm a visão afetada durante período diurno, pelo excesso de luz. Durante o dia eles se batiam nas paredes e caíam. A gente recolhia essas aves, cuidava delas e as soltava à noite. Sequer sabíamos da dinâmica da fauna local. Eles migravam da América do Norte para a América do Sul”, detalha.

*Estagiária sob a supervisão de Patrick Selvatti

TURISMO

Brasília é um cartão postal cheio de vida

» GIULIA LUCHETTA

Com destaque para a arquitetura modernista, Brasília é a única cidade brasileira a integrar o ranking do jornal americano *The New York Times* dos 52 melhores destinos turísticos para conhecer em 2024. Entre os brasileiros, turistar na capital federal é uma oportunidade de re-visitar a história do país.

“Estar perto de onde fica o centro de poder e da política do

país tem um significado muito forte. É a primeira vez que temos a oportunidade de estar aqui e ver de perto os lugares onde aconteceram momentos históricos do país. Isso é muito profundo”, observou o administrador de empresas Rodrigo Schiaradiaz, de 45 anos.

Rodrigo está de passagem pela capital com a esposa Flávia Daniel, 42, e as duas filhas, Julia, 9, e Maria Clara, 10. Viajando desde 11 de

fevereiro, a família, natural de Niterói, veio do Rio de Janeiro a Brasília de avião, onde alugaram um carro para percorrer um trajeto de quase 10h até Caetité, município do interior da Bahia. “Queria poder ficar aqui até dezembro, aí daria para ver tudo que Brasília tem a oferecer”, brincou Julia, sorridente.

Ao longo do sábado, os quatro visitaram o Palácio da Alvorada, a Catedral de Brasília, e almoçaram em um restaurante nordestino. A viagem, infelizmente, acaba hoje (ontem) mesmo. “Do pouco que estamos explorando está sendo muito especial”, resumiu Rodrigo.

A também carioca Chirlei Ferreira, 60, veio a Brasília visitar o

filho, que mora na capital há dois anos. “Estou gostando de tudo, da limpeza, da organização da cidade, a educação das pessoas, e a da segurança”, comentou a pensionista. Desde que Chirlei chegou ao Distrito Federal, na quinta-feira, o tour ficou por conta do filho Jeferson Ferreira e de sua namorada Camila Rodrigues, moradores do Sudoeste.

A reportagem do *Correio* o encontrou tirando uma selfie em frente ao Congresso Nacional. “Hoje, fomos ao Samba da Tia Zélia e a uma choperia no SIA. No fim da tarde, vamos ao Pontão do Lago Sul, e, depois, curtir mais samba na Asa Norte”, enumerou Jeferson.

LUIS TAJES



Flávia com as filhas e o marido: “Se pudesse, ficava até dezembro”